

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP – COGEAE – Pós-Graduação
Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

Uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica
Exposição “As Perguntas que a Ásia me fez”

PUC - SP
São Paulo
2013

Karen Friedmann Rozenbaum
RA00100195
karenrozenbaum@gmail.com

Uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica
Exposição “As Perguntas que a Ásia me fez”

Monografia apresentada à Coordenadoria do Cogea da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
em cumprimento parcial para obtenção do título em
Especialista em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura.

Orientador:
Prof. Dr. Claudio César Montoto

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar a exposição "*As Perguntas que a Ásia me fez*", realizada pela presente autora, Karen Rozenbaum, no segundo semestre de 2012¹, com o apoio cultural do CESPuc - Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise da PUC-SP, e analisar por que o conceito da mostra foi ser uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica — Clínica de Cultura, temática estudada no curso desta Especialização.

Para tanto, primeiramente serão relatados alguns conceitos teóricos da Psicanálise e da Semiótica, para em seguida, poder apresentar a exposição e discorrer sobre sua temática, as obras expostas e reações de visitantes, por meio da interlocução de conceitos dessas áreas teóricas.

Abstract

This paper aims to present the exhibition "The Questions that Asia made to me", performed by this author, Karen Rozenbaum, in the second half of 2012, with the support of the CESPuc - Centre for Studies in Semiotics and Psychoanalysis at PUC-SP, and analyze why the concept of the show was to be a practical experience of Psychoanalytic Semiotics - Culture Clinic, studied topic in the course of this specialization.

In order to accomplish that purpose, first it will be reported some theoretical concepts of Psychoanalysis and Semiotics, to then be able to present the exhibition and discuss its theme, the artworks that were exhibited at the time and reactions of visitors, through the dialogue of theoretical concepts of these areas.

¹ "*As Perguntas que a Ásia me fez*" foi inaugurada no dia 19 de setembro de 2012 no Espaço Cultural Casa Amarela, em São Paulo e ficou em cartaz até 25 de outubro de 2012.

Índice

Capítulo 1. CONCEITOS DA PSICANÁLISE

- 1.1 A constituição imaginária do eu a partir do outro —
O Estádio do Espelho.....pg. 05-06
- 1.2 Imaginário, Simbólico e Real — Os três registros Lacanianos.....pg. 07-08
- 1.3 Pulsão sexual e Sublimação para a Arte.....pg. 09-11

Capítulo 2. CONCEITOS DA SEMIÓTICA

- 2.1 Signos Culturais — A Semióticapg. 12-13
- 2.2 Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.....pg. 14-16
- 2.3 A imagem e o texto como Objetos Síguicos.....pg. 17-19

Capítulo 3. EXPERIÊNCIA PRÁTICA DE SEMIÓTICA PSICANALÍTICA

- 3.1 Introdução: a ideia de desenvolver uma exposição
Semiótica Psicanalítica.....pg. 20-22
- 3.2 A exposição “As Perguntas que Ásia me fez”.....pg. 23-32
- 3.3 Desmembrando a fotografia e a pergunta escrita —
Interlocução com conceitos Teóricos da Semiótica Psicanalítica.....pg. 33-39

Conclusão.....pg. 40

Referências Bibliográficas.....pg. 41-42

Apêndice.....pg. 43-52

Capítulo 1. CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Os conceitos da Psicanálise que serão aqui apresentados foram escolhidos em função da temática deste trabalho e, mais especificamente, para discorrer sobre a exposição de fotografia. Tomando-se isso em consideração, serão abordados temas como a constituição do eu, a imagem do eu frente ao outro e a identificação.

1.1 A constituição imaginária do eu a partir do outro — O Estádio do Espelho

"Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo."

(Lispector, 1999, pg. 23)

Sigmund Freud, o inventor e pai da Psicanálise, já dizia, ao apresentar a teoria do Narcisismo (1914, pg. 104), que os indivíduos não nascem tendo a sensação da unidade de seu corpo: esta seria desenvolvida em um processo de encontro com o outro, com a alteridade.

Posteriormente, em 1936, o discípulo de Freud, Jacques Lacan, enunciou na conferência do XIV Congresso Internacional da Psicanálise e logo em 1949 no XVI Congresso, um novo conceito que retoma a abordagem sobre o Narcisismo e descreve "O Estádio do Espelho" como etapa fundamental para a formação da função do eu.

"Com Lacan, o espelho abandona uma aura mística para se tornar uma concepção psicanalítica. Mais que isso, torna-se um instrumento essencial ao destino de cada homem." (Leite, 1985, pg. 7)

A fim de compreender essa nova teoria, são apresentadas, a seguir, interpretações do teórico Jean-Baptiste Fages (1973, pg. 13-16), que explica que o “estádio” postulado por Lacan, apresenta a primeira relação de identificação que um ser humano tem diante da sua imagem no espelho. Isso ocorreria dos seis aos dezoito meses de vida de uma criança, sendo dividido em três etapas:

“1. Em uma primeira instância, diante do espelho, a criança reage como se a imagem espelhada fosse real ou ao menos a imagem de um outrém;

2. Mais tarde, a criança passa a tratar essa imagem como se fosse um objeto real e não tenta apoderar-se da mesma;

3. Na terceira etapa de identificação do sujeito (dos 16 aos 18 meses de vida), a criança chega a reconhecer no outro sua própria imagem. Trata-se de processo de identificação, de uma conquista progressiva da identidade do sujeito.”²

Ou seja, se no princípio a criança não reconhece a imagem do espelho como parte dela, ou seja, não tem consciência do corpo como unidade, ao final desse período (“estádio”), ela passa a tomar a imagem daquele que seria um outro como ela própria. Seria apenas na terceira etapa, portanto, que a criança completaria o processo que Lacan define como “identificação imaginária”, em que o eu se forma por identificação com uma imagem especular; um “eu ideal”:

“É o eu ideal formado pela imagem do outro, que dará a unidade que constitui o eu, ou seja, a criança identifica-se com aquela imagem refletida no espelho (ou imagem do outro), alcançando uma ‘identidade alienante’ que a acompanhará no seu desenvolvimento.” (Roudinesco, 1998, pg. 377)

Atentando-nos para essa última passagem, ‘identidade alienante’, isso ocorre, pois apesar de a fase do “estádio” conferir o reconhecimento do eu a partir da imagem refletida no espelho, essa imagem seria de certa forma também um desconhecimento, uma vez que ela foi e será constantemente constituída não a partir da imagem em si, mas de uma projeção da imagem que a pessoa tem de si frente ao outro, portanto, uma constituição imaginária do eu a partir do outro, que é como um espelho.

² A tradução dessa passagem (do espanhol para o português) foi feita por Karen Rozenbaum, presente autora desta monografia.

1.2 O Imaginário, o Simbólico e o Real — Os três registros lacanianos

Com a teoria do “Estádio do Espelho”, Lacan apresenta e esclarece o conceito do “Imaginário”: uma relação com a imagem do semelhante, onde o eu se constitui, constantemente, a partir de um encontro com o outro.

Mais adiante, no ano de 1953, na conferência denominada “Simbólico, Imaginário e Real”, que ocorreu durante a abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan avança nos registros do “Simbólico” e do “Real”, completando o que é conhecido hoje como ‘os três registros lacanianos’.

Se o “Imaginário” refere-se à constituição da imagem de um sujeito, à sensação de unidade, e inicia-se nos primeiros meses de vida, o “Simbólico” surgiria na sequência, na fase em que a criança começa a adquirir a linguagem. Tudo aquilo que passa a fazer sentido, ter um significado, um raciocínio, uma ordem, poderia se enquadrar no campo do “Simbólico”.

Lacan define o “Simbólico” (*in* Laplanche, 2004, pg. 405) como um sistema de representação baseado na linguagem. Ele defendia que a maneira como nosso inconsciente está estruturado é similar às leis da linguagem. Os desejos, imagens e outros elementos do inconsciente podem ser identificados através de expressões verbais. Não à toa que o tratamento de um Psicanalista se dá por meio da linguagem; o analista escuta e tenta decifrar chistes, lapsos, sonhos do paciente e outras formações do inconsciente, para descobrir a metáfora que se manifesta no discurso, por meio da linguagem.

E tudo aquilo que não aparece com a linguagem, mas ainda assim é um resquício do processo de simbolização, encontra-se no que Lacan nomeia como o “Real” (Santaella, 1999, pg. 05):

“Para Lacan, o real é aquilo que sobra como resto do imaginário e que o simbólico é incapaz de capturar. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável ao sujeito do desejo para quem a realidade tem uma natureza fantasmática. Diante do real, o imaginário tergiversa e o simbólico tropeça. Real é aquilo que falta na ordem simbólica, os restos que não podem ser

eliminados em toda articulação do significante, aquilo que só pode ser aproximado, jamais capturado.”

Aquilo que nos escapa à linguagem, aquilo que não pode ser dito ou pensado, é portanto o “Real”; é a falta, o vazio.

1.3 Pulsão Sexual e Sublimação para a Arte

Alguns conceitos teóricos da Psicanálise são fundamentais para a compreensão da origem das atividades culturais e sociais. A seguir, nos atentaremos à teoria da Pulsão Sexual e à Sublimação para chegar ao campo da produção artística e, mais adiante (no Capítulo 3 desta monografia), poder retomá-los já no contexto da exposição “As Perguntas que a Ásia me fez”.

"A obra de arte é um ato de loucura do criador. Só que germina como não loucura e abre caminho. É, no entanto, inútil planejar essa loucura para chegar à visão do mundo. A pré-visão desperta do sono lento da maioria dos que dormem ou da confusão dos que adivinham que alguma coisa está acontecendo ou vai acontecer. A loucura dos criadores é diferente da loucura dos que estão mentalmente doentes. Estes, entre outros motivos que desconheço, erraram no caminho da busca. São casos para médicos, enquanto os criadores se realizam com o próprio ato de loucura."

(Lispector, 1999, pg. 305)

O termo “pulsão”, remete à ideia de impulso. Para Freud (*in Laplanche, 2004, pg. 324*), “pulsão sexual” seria uma força interna que tem sua fonte em uma excitação corporal (orgânica) e sua finalidade seria suprir esse estado de tensão, por meio de um objeto.

“Freud (...) refuta a concepção popular que atribui à pulsão sexual um fim e um objeto específicos, como as excitações e o funcionamento do aparelho genital. Pelo contrário, defende que o objeto é variável e contingente e apenas é escolhido em sua forma definitiva em função das viscosidades da história de cada sujeito.”³

(Laplanche, 2004, pg. 325)

O destino da pulsão sexual estaria, portanto, em uma experiência de prazer que um sujeito pode ter, não no sentido imediato do sexual ligado ao aparelho genital, mas variável, de acordo com as histórias e anseios de cada sujeito, por exemplo fazer compras, ler um livro, fotografar...

³ A tradução dessa passagem (do espanhol para o português) foi feita por Karen Rozenbaum, presente autora desta monografia.

Uma vez que a pulsão sexual se desmembra em outros objetos, entre eles a criação intelectual-artística, podemos entrar no conceito da “sublimação”; em 1905, ano em que Freud publicou “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, ele abordou, pela primeira vez, o termo ‘sublimação’ (2002, pg. 115). Apesar de esse ser um conceito antigo, oriundo de diferentes frentes — das belas artes (*sublime*), da química (*sublimar*) e da psicologia (*subliminar*) — (Laplanche, 2004, pg. 415), foi apenas naquele ano que foi apresentado como conceito para compreender o fenômeno da criação intelectual:

“Processo postulado por Freud para explicar certas atividades humanas que aparentemente não têm relação com a sexualidade, mas que encontrariam sua energia na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação, principalmente a atividade artística e a de investigação intelectual.”

Considerando-se que uma produção artística — seja uma fotografia, uma pintura, instalação, vídeo ou mesmo um texto — é resultado de uma criação mental, inicialmente não se poderia criar qualquer relação com a teoria da sexualidade. Mas Freud acreditava que, na realidade, a arte e a sexualidade estariam diretamente ligadas, uma vez que partiriam da pulsão sexual como estímulo de criação:

“(…) A pulsão sexual coloca à disposição do trabalho cultural quantidades de força extraordinariamente grandes, em virtude da particularidade singularmente marcada na dita pulsão, de poder colocar o seu fim sem perder a essência da intensidade. Essa capacidade de substituir o fim sexual originário por outro fim, já que não é sexual mas está psiquicamente coberto, o dominamos de capacidade de sublimação.”⁴

(Laplanche, 2004, pg. 416)

Ou seja, embora mantendo o mesmo nível de “excitação sexual” originária, a sublimação para a criação de uma obra de arte, por instância, seria uma maneira que o indivíduo tem de suprir essa pulsão inicial, em mesma intensidade, mas para um outro fim, que não o sexual. Assim, podemos concluir que “sublimação” seria um processo psíquico de um sujeito que partiria de uma pulsão sexual e, aos poucos, iria afastando-se dela, na medida em que desviaria

⁴ A tradução dessa passagem (do espanhol para o português) foi feita por Karen Rozenbaum, presente autora desta monografia.

essa excitação da ordem da sexualidade para um objeto sublime. Este, não estaria diretamente ligado a uma experiência real de sedução (ao ato sexual, à genitália), mas a um alvo não sexual, como à produção intelectual; uma produção de fim cultural.

Posteriormente à Freud, Lacan (1973, pgs. 157-158) retoma esse termo e complementa a teoria de Freud afirmando que a sublimação seria também uma ‘satisfação’, ainda que inibida em sua meta inicial (da ordem da sexualidade), mas que nem por isso deixaria de ser um deleite:

“Em outros termos – por enquanto, eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem! Eu posso ter a mesma satisfação que teria se estivesse trepando. É isso que quero dizer.”

Uma vez completa essa produção intelectual — seja um discurso textual (como no exemplo de Jacques Lacan) ou mesmo uma obra de arte —, seu criador sentiria uma espécie de prazer por ter conseguido desviar a “carga sexual” originária para um outrém.

A fim de ilustrar melhor esse conceito de satisfação, trazemos uma observação de Freud em “O Interesse da Psicanálise do Ponto de Vista da Ciência Estética” (1996, pg. 189):

“O objetivo primário do artista é libertar-se e, através da comunicação de sua obra a outras pessoas que sofram dos mesmos desejos sofreados, oferece-lhes a mesma libertação. Ele representa suas fantasias mais pessoais plenas de desejo como realizadas; mas elas só se tornam obra de arte quando passaram por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação poderosa.”

Então, seria apenas depois de o indivíduo cobrir essa tópica do Imaginário, Simbólico e Real de Lacan, que ele conseguiria manifestar seus desejos conscientes e inconscientes e traduzi-los para uma produção intelectual-artística, atingindo um certo grau de satisfação.

Capítulo 2. CONCEITOS DA SEMIÓTICA

Visto que o inconsciente se estrutura através da linguagem e que a exposição dialoga com a mesma, é fundamental apresentar a teoria da Semiótica que reflete sobre todo e qualquer tipo de linguagem presente em nossa sociedade.

2.1 Signos Culturais — A Semiótica

A teoria da Semiótica é a ciência que estuda os fenômenos (signos) culturais que se apresentam a nós, de acordo com Lúcia Santaella (1993, pg. 02):

“A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.”

A Semiótica têm três origens que ocorreram quase ao mesmo tempo, mas em diferentes regiões: uma nos Estados Unidos, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental. Uma vez que Santaella⁵ se atenta à teoria de origem Americana, do cientista e filósofo C. S. Peirce (1839-1914), também nos focaremos nos estudos desenvolvidos por ele. Santaella (2005, pg. 08) interpretando Peirce constata que:

“O signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo.”

Em outras palavras, uma fala, um texto, uma imagem ou mesmo um suspiro, todos são passíveis de serem signos. Porém, o signo só completa sua “ação” (seu processo semiótico), quando em contato com um sujeito capaz de captar a mensagem. Apenas nesse instante — em que uma pessoa conversa com outra, em que um sujeito lê um livro, em que aprecia-se uma pintura ou ainda

⁵ Professora do curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica da PUC COGEAE.

quando um indivíduo presencia um suspiro de alívio de um outrém — é que o signo resulta em uma significação para um indivíduo.

Cada signo tem, por si só, um potencial de estímulo em uma mente interpretadora (Santaella, 2005, pg. 38):

“O Io nível é imediato, que diz respeito ao potencial que o signo tem para produzir certos efeitos e não outros, no instante do ato interpretativo a ser efetuado. Sendo interno ao signo, esse interpretante fica no nível das possibilidades apenas latente, à espera de uma mente interpretadora que venha efetivar, no nível logicamente subsequente, o do interpretante dinâmico ou atual, algumas possibilidades.”

Por exemplo, enquanto um livro tem o potencial de estimular o leitor à imaginar cada cena e cada personagem, uma fotografia já entrega a imagem desses cenários e pessoas, porém estimula outras fantasias e possibilidades imaginativas. Em uma passagem de Freud sobre o signo da escrita (1908, pg. 09), temos que:

“(...) A verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha.”

Porém, o signo só funciona quando em contato com esse indivíduo capaz de receber o ‘potencial’ deste:

“É só na relação com o interpretante que o signo completa sua ação como signo. (...) Entre tanto, quando o signo é interpretado, esse ato embute os outros dois aspectos do signo: o de ser fundante e o da sua relação com o objeto.”

(Santaella, 2002, pg. 37)

2.2 Primeiridade, Secundidade e Terceiridade

"Dor de museu: só posso chamar assim porque essa dor só aparece quando percorro museus. Mal começo a caminhar e a parar diante dos quadros e vem a dor no ombro esquerdo — é sempre a mesma. Gostaria de saber do que se trata. É dor de emoção?"

(Lispector, 1999, pg. 153)

Para compreender a maneira como o sujeito recebe um signo; como os fenômenos aparecem em nossa consciência; Peirce estabeleceu que todos os signos que se apresentam a nós obedeceriam uma ordem tríplice — a Primeiridade, a Secundidade e a Terceiridade — que, embora ocorram ao mesmo tempo e, portanto, sejam inseparáveis em sua ação, podem ser divididos categoricamente para compreensão do funcionamento do indivíduo:

Primeiridade — é a pura qualidade de ser e de sentir. O sentimento tal como ele é. Sem reflexão; a consciência livre de auto-controle. Segundo Santaella (2005, pg. 29-30), para conseguir identificar esse breve momento da Primeiridade:

"O primeiro olhar que devemos dirigir aos signos é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos. Desautomatizar tanto quanto possível nossa percepção. Ascultar os fenômenos. Dar-lhes chance de se mostrarem.

Nossas interpretações vêm sempre muito depressa, sem nos dar tempo para nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta."

Trazendo esse conceito para um exemplo prático, ao se deparar diante de um quadro, recomendar-se-ia a um sujeito que se deixasse impactar por aquilo que sente. Esse primeiro instante, que de acordo com Santaella (2005, pg. 30) acontece quando *"se dá a suspensão de nossos julgamentos na demora do sensível"*, ou seja, no momento em que a pessoa coloca-se com tempo e aberta para receber um possível 'sentir', estaria inserido no campo da "Primeiridade". Porém, esse estado do "sentir" é difícil de ser percebido, uma vez que é imediatamente misturado com outras sensações e reações do campo da "Secundidade".

Secundidade — é a consciência reagindo frente ao mundo exterior e, logo (ou talvez ao mesmo tempo), é a ‘ação’ versus ‘reação’, o ‘eu’ versus o ‘outro’:

“Certamente, onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tende estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material.” (Santaella, 1993, pg.10)

Em outras palavras, o momento em que um indivíduo se depara com determinada obra e sente algo (universo da Primeiridade) e logo percebe que esse ‘sentir’ é angustiante, ou seja, percebe que esse ‘sentir’ existe em um ‘eu’ (no próprio indivíduo, por meio da reação com uma figura/ obra de arte externa), é o instante em que ocorre o que seria a “Secundidade”.

Então, se em um primeiro momento esse sujeito não consegue explicar o porquê desse ‘sentimento angustiante’, talvez após descobrir as reais intenções do artista, possa retornar ao seu sentimento conflitante inicial e compreender o porquê dessa angústia.

Nesse sentido, quando o indivíduo inicia um processo de interpretação de uma obra de arte, ele passa do campo da “Secundidade” para o da “Terceiridade”. Um trecho do texto de Freud (1996, pg. 218) sobre a análise da reação de uma pessoa frente à obra “*O Moisés de Michelângelo*”, retrata esse momento:

“(…) Para descobrir sua intenção (do artista), contudo, tenho primeiro que descobrir o significado e o conteúdo do que se acha representado em sua obra; devo, em outras palavras, ser capaz de interpretá-la. É possível, portanto, que uma obra de arte desse tipo necessite de uma interpretação e que somente depois de tê-la interpretado poderei vir a saber por que fui tão fortemente afetado.”

Assim, a “Terceiridade” seria a fase em que o sujeito dá início a um processo interpretativo ou crítico daquilo que enxerga.

Após a Primeiridade e a Secundidade, a Terceiridade surgiria como conclusão para explicar todo e qualquer signo, toda e qualquer experiência humana.

“Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu — é o terceiro.” (Santaella, 2005, pg. 11)

2.3 A imagem e o texto como Objetos Síguicos

Considerando-se que a exposição “As Perguntas que a Ásia me fez” traz fotografias (imagens icônicas – que assemelham-se àquilo que representam), que junto com perguntas escritas compõem as obras expostas, falaremos da imagem e do texto como objetos sígnicos, ou seja, passíveis de serem sentidos e interpretados por um indivíduo.

Uma imagem fotográfica é uma representação a partir do real. Segundo Boris Kossoy (2002, pg. 30), fotógrafo, historiador, curador e professor, a fotografia seria, antes de mais nada, um recorte que demonstra as reais intenções do artista:

"O fotógrafo, em função de seu repertório pessoal e de seus filtros individuais e, apoiado nos recursos oferecidos pela tecnologia, produz a imagem a partir de um assunto determinado. A interpretação final, entretanto, ainda sofrerá interferências ao longo do processamento e elaboração final da imagem, seja no laboratório químico convencional, seja no eletrônico nas suas diversificadas formas. A imagem fotográfica é, enfim, uma representação resultante do processo de criação/ construção do fotógrafo."

Coincidindo com esse conceito apresentado por Kossoy (2001, pg. 192), Santaella e Noth, dois grandes interlocutores da Semiótica com a Psicanálise, ao utilizar os três registros lacanianos no estudo da imagem fotográfica, explicam que a fotografia é sempre uma ‘representação’; a captura de um fragmento que se separa do corpo do mundo, à maneira de um corte dado pelo fotógrafo:

"Por ser um fragmento arrancado do corpo da natureza, a fotografia fez desabar o sonho idílico da unidade, da mônada formada pelo mundo e sua imagem. Quanto mais um aparelho ou máquina se aperfeiçoa no registro mimético dos objetos e situações, mais evidente se torna sua impossibilidade de ser igual àquilo que registra.

Há um descompasso, uma defasagem entre o ritmo do mundo, matéria vertente do vivido, e a capacidade do registro. A febre da vida não cabe em imagens. Sob as vestes da imagem, algo cai. Esse algo é o real, que resiste na sua irreduzibilidade."

Interessante constatar que, pelo fato da fotografia ser um “recorte” e não uma representação fiel da realidade, pode gerar no sujeito uma situação

conflitante, que se enquadraria no campo da “Secundidade” (de Peirce / Santaella). E, considerando-se que a imagem é passível de ser recebida e interpretada por um indivíduo, comporta-se, portanto, como um “objeto sígnico”; Apenas após descobrir as reais intenções do artista é que o indivíduo é capaz de compreender por que foi tão fortemente afetado pela imagem.

A experiência fotográfica, então, abrangeria dois processos mentais:

1. O processo de construção da representação — a produção da obra fotográfica por parte do fotógrafo;
2. O processo de construção da interpretação — a recepção da obra fotográfica por parte dos receptores e suas diferentes leituras.

Atentando-nos para este último processo, as diferentes interpretações e significados que um sujeito pode dar, de acordo com Joly Martine (2007, pg. 13), ocorrem em função da sua relação direta com aquilo que a imagem representa (dependendo das associações mentais e do repertório dos receptores), mas também devido à relação com outros significados que, embora visualmente ausentes, podem estar mentalmente associados.

Pensemos neste exemplo: uma fotografia com nuvens acinzentadas. Poder-se-ia imaginar que, instantes depois em que a foto fora capturada, iria chover. Ou seja, o sujeito completaria mentalmente aquilo que estaria faltando na imagem.

No caso de um texto, seja ele imaginário (como no exemplo da associação com a chuva anteriormente apresentado), falado ou escrito, é o elemento que vai compensar a incapacidade que uma imagem tem de exprimir relações temporais ou causais. Tendo esse conceito mais amplo de “texto” em mente, podemos dizer que ele é o elemento que invariavelmente completa uma imagem:

“As imagens transformam portanto os textos, mas os textos, por sua vez, transformam as imagens. Aquilo que lemos ou ouvimos a propósito das imagens, o modo como a literatura, a imprensa e a sinalização se apropriam delas, as trituram e apresentam, determina necessariamente a abordagem que em seguida faremos.”

(Martine, 2007, pg. 142)

Capítulo 3. EXPERIÊNCIA PRÁTICA DE SEMIÓTICA PSICANALÍTICA

Após a apresentação de conceitos da Psicanálise e da Semiótica nos capítulos anteriores desta monografia, descreveremos a seguir a proposta da exposição e as obras expostas para que, na sequência, possamos avançar com a interlocução e a aplicação prática dos conceitos teóricos anteriormente levantados.

3.1 Introdução: a ideia de desenvolver uma exposição Semiótica Psicanalítica

“ (...) Mas a luta entre a forma e o conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta por se formar. Para falar a verdade, não se pode pensar num conteúdo sem sua forma. (...) Parece-me que a forma já aparece quando o ser todo já está com o conteúdo maduro, já que se quer dividir o pensar ou escrever em duas fases. A dificuldade da forma está no próprio constituir-se do conteúdo, no próprio pensar ou sentir, que não saberiam existir sem sua forma adequada e às vezes única.” (Lispector, 1999, pg, 254)

No início do segundo ano da Especialização em Semiótica Psicanalítica — Clínica da Cultura na PUC COGEAE, em Fevereiro de 2012, a presente autora realizou uma viagem de um mês ao Extremo Oriente da Ásia para países do Laos, Vietnã e Camboja. Lá vivenciou e experienciou momentos de extrema cumplicidade, humildade e surpresa, em uma realidade muito distinta do que lhe é de costume.

No decorrer da viagem, Karen sentira a necessidade de compartilhar com amigos do Brasil uma cena vivida com alegres crianças na cidade de Luang Prabang, no Laos. E, no mundo tecnológico em que vivemos, o meio mais fácil para atingir muitas pessoas foi via a rede social Facebook:

"23.02.12

No Laos existem 3 religiões. Todas acreditam no Buda. As pessoas casam com 20 anos, algumas com 15. Começam a ter filhos cedo. O normal é mínimo de 5 crianças

por casal. Vê-se nas ruas. Crianças pra lá e pra cá. Sempre com um sorriso estampado no rosto. Brincam. Choram. Mas brincam muito mais. E sorriem. Sempre. As mais velhas cuidam das mais novas. Se abraçam. São companheiras. Tomam banho no rio. Jogam-se água. Peladinhas. Ou de cuequinha. São felizes, felicidade que não via tão sincera há muito tempo. Vão de bicicleta para a escola. Brincam nas ruas, em casa, na estradas. São crianças. E vivem como qualquer criança deveria viver. Vivem a infância. Felizes.

Já me despedi do lindo vilarejo de Luang Prabang com vontade de ter ficado mais por lá. Adeus monges com trajes alegres. Laranjas. Aqui se vive da agricultura. Da plantação do arroz. Da simpatia e do turismo. Hoje me despeço de Vang Vieng. Da aventura. Rutz. Dos locais que pescam turistas americanos com boias no rio para tomar uma beerlao. Um beijo. Próxima parada: Hanoi, Vietnã."

Os comentários das pessoas foram muito positivos⁶: "*Que delícia!*", "*Deu pra sentir um pouquinho de tudo que vocês estão vivendo*", "*Me senti lá, ou aí. Quero saber mais.*"

Então, incentivada por amigos e sentindo a necessidade de compartilhar as vivências únicas que estava tendo, continuou a escrever. Os comentários se ampliaram: "*Ká, muito lindo teu relato e teu sensível olhar*". "*Estou adorando seu diário virtual!! Keep us posted*". "*Não pára não pára não pára de escrever*", "*Top seu travel jornal*". "*Fiquei emocionada com o texto de hoje*", "*Chorei também...*", "*Vontade de viver isso aí!*".

No retorno a São Paulo, ao reunir as fotografias da viagem, começou a compartilhar algumas on-line e a realizar pequenas reuniões com amigos contando-lhes das experiências que havia tido. Percebeu, então, que a viagem havia realmente transformado a maneira como enxergava muitas coisas e valores e transmitir isso a apenas três ou quatro amigos não era mais suficiente. Assim, elaborou uma forma de difundir um pouco do que havia experienciado lá para um leque maior de pessoas, inclusive as que não conhecia.

⁶ Referência eletrônica: www.facebook.com/karen.rozenbaum (mês de fevereiro de 2012)

Como fazer isso?

“Por meio de uma exposição de fotografias.”

Mas apenas fotografias não seriam suficientes para conseguir gerar nas pessoas as reações e questionamentos que ela havia tido durante e após a viagem e que gostaria que outros se questionassem à respeito também.

Outras ideias surgiram:

1. "Realizar uma exposição de fotografias acompanhadas dos relatos que escritos durante a viagem".

Mas relatos talvez "fechariam" demais os pensamentos que as pessoas poderiam ter. Seria simplesmente um relato de uma experiência ilustrada a partir da foto e não cumpriria com o objetivo inicial de levar alguns questionamentos às pessoas;

2. "Realizar uma exposição de fotografias acompanhadas de interações que levassem as pessoas a um ambiente similar ao que Karen teve na Ásia".

Isso também não adiantaria, uma vez que provavelmente as pessoas não iriam entender e poderiam ficar confusas.

Até que, finalmente, depois de conversar com alguns amigos e professores conselheiros, chegou à proposta final e coerente da exposição:

3. “Apresentar fotografias que, junto com questões subjetivas, estimulassem o espectador a ter uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica.”

Ou seja, uma mostra que apresentasse fotografias acompanhadas de perguntas subjetivas que, se por um lado iriam transmitir os pensamentos que foram por ela levantados e que gostaria de questionar às pessoas, por outro, ainda iriam permitir que os espectadores tentassem preencher (ainda que mentalmente) as respostas e criar suas próprias reflexões.

3.2 A exposição "As Perguntas que a Ásia me fez"

A seguir, o texto introdutório da exposição e as onze fotografias aclopadas de questões que foram apresentadas na mostra, para que o leitor desta monografia possa visualizar o conteúdo que foi exposto e, posteriormente, refletir sobre a análise proposta neste trabalho.

- Texto introdutório⁷:

AS PERGUNTAS QUE A ÁSIA ME FEZ

“Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.”

(Lispector, 1999, pg. 23)

Ao ler a palavra “Ásia” no título desta mostra, talvez você espere ver imagens exóticas de países do Extremo Oriente, com um descritivo de cenas, datas e locais em que as fotos foram tiradas. Mas o que proponho é outro tipo de experiência: uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica.

A Semiótica é a ciência que estuda todo e qualquer signo cultural que se apresenta a nós — seja uma fala, um texto, uma imagem ou mesmo um suspiro — e a Psicanálise interpreta o inconsciente a partir do uso que fazemos da linguagem — por meio de sonhos, sintomas, lapsos, chistes, imagens.

A Semiótica Psicanalítica, por sua vez, se propõe a discorrer sobre as consequências psíquicas que os signos culturais têm na vida de um sujeito contemporâneo.

Assim, “As Perguntas que a Ásia me Fez” é um convite para que você, sujeito, ao se deparar com uma determinada fotografia, que vem acompanhada de uma questão subjetiva, possa detectar as mensagens que chegam até você e refletir sobre como elas influenciam sua produção de sentido e contribuem para sua construção de pensamento.

⁷ O painel introdutório da exposição, que traz o texto acima, pode ser visto no Apêndice desta monografia.

Pare, por alguns instantes, na frente de cada conjunto de foto+pergunta. Que sensação você tem ao ver a imagem? O que lhe vem à mente quando relaciona a pergunta com a foto? Você se questiona sobre a cena em si, ou sobre algo que remete à sua vida? Será que o que vemos não diz muito mais sobre nós mesmos do que sobre o mundo que percebemos? Deixe-se tocar por essas fotografias que passam à sua frente. Sinta a singularidade de suas emoções. Então, arrisque-se: que perguntas a Ásia lhe faz?

Karen Rozenbaum, paulista, de 27 anos, Karen buscou sempre identificar múltiplas formas de expressão e as singularidades de cada cultura, o que a levou a especializar-se em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura. A isso, alia estudos de astrologia, cabala e história da arte, assim como os conhecimentos e vivências que absorve em suas viagens e a herança cosmopolita da família. Hoje, atua como consultora de comunicação na área cultural. Esta é sua primeira exposição como organizadora.

- Obras expostas: Onze fotografias com questões subjetivas⁸:

1)



O que anunciam seus olhos silenciosos?

⁸ Para melhor visualização da cenografia da exposição e da maneira como o espectador percorria as obras acima, atente-se para as fotos do espaço no Apêndice desta monografia.

2)



Banho de rio adoça a infância?

3)



Menino é peixe-voador?

4)



É verdade que apertar os sonhos os deixa maiores?

5)



Carrego a vida numa pesada leveza?

6)



Existe maior cumplicidade do que a conversa entre dois guarda-chuvas?

7)



Se está ao meu lado, por que tão longe sinto estar?

8)



Com quantas cores se pinta a serenidade?

9)



Quando a velhice chega, a sabedoria dá carona?

10)



Quantas histórias comemoram as linhas de sua pele?

11)



Quem pedala meu caminho sou eu ou o meu chapéu?

3.3 Desmembrando a fotografia e a pergunta escrita — Interlocação de conceitos teóricos da Semiótica Psicanalítica

Ao apresentar composições de fotografias acompanhadas de questões subjetivas, a exposição “*As Perguntas que a Ásia me fez*” trouxe uma proposta que vai para além de uma mostra fotográfica: jogando com conceitos da Semiótica Psicanalítica, as obras incitavam os espectadores a preencherem o que estava faltando em cada conjunto de cada foto+pergunta.

Antes de exemplificar isso com comentários dos visitantes, é interessante observar a reação das pessoas (fotografias abaixo, de Victor Fisch⁹) ao terem percorrido a mostra: alguns se mostraram emotivos, com algumas lágrimas disfarçadas. Outros, mais tranquilos, serenos. Muitos, pensativos.



⁹ Fotógrafo paulista que registrou a noite de abertura e o bate-papo com visitantes sobre a exposição “*As perguntas que a Ásia me fez*”.





Nesse contexto, vale lembrar uma passagem de Freud (1996, pg. 188), na qual ele descreve o porquê de uma obra de arte ser capaz de despertar emoções reais nos indivíduos:

“A arte é uma realidade convencionalmente aceita, na qual, graças à ilusão artística, os símbolos e os substitutos são capazes de provocar emoções reais. Assim, a arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados na imaginação — uma região em que, por assim dizer, os esforços na onnipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor.”

Unindo essa frase, que traz um olhar Psicanalítico com a teoria da Semiótica desse primeiro contato com a arte, é possível retomarmos um conceito já visto no início deste trabalho¹⁰ e compreendermos o por quê da arte ser capaz e, de certa maneira sensível, de despertar emoções nas pessoas:

“O primeiro olhar que devemos dirigir aos signos é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos. Desautomatizar tanto quanto possível nossa percepção. Ascultar os fenômenos. Dar-lhes chance de se mostrarem. Nossas interpretações vem sempre muito depressa, sem nos dar tempo para nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta.

O efeito estético produzido em nós pelas obras de arte leva esse estado ao seu limiar mais bem realizado quando se dá a suspensão de nossos julgamentos na demora do sensível.”

Dando continuidade ao efeito produzido nos espectadores, pode-se dizer que a artista das obras, na ânsia de se libertar de determinado desejo ou angústia interna, originada de uma “pulsão sexual”, e permitir que mais pessoas pudessem se identificar com os mesmos questionamentos que ela teve inicialmente, passou por um processo de “sublimação” que resultou na produção de obras de arte nas quais aquilo que a pergunta questiona (aquilo que falta), seria o que o espectador iria tentar, incessantemente, preencher seja por meio de respostas, por construções fictícias imaginárias ou associações.

As próprias impressões e comentários de visitantes no bate-papo com a artista retratam isso. A seguir, destacamos algumas dessas observações sobre determinadas obras (fotografia+pergunta) como modo de exemplificação:

¹⁰ Pg. 14 desta monografia.



foto 5 - “Lendo a pergunta, essa foto me fez pensar que é a pergunta que te volta para dentro, você pensa na sua vida. Às vezes você olha, você vê a sua vida cheia de problemas e tal, aí você acha que você é daquele lado esquerdo. Mas se você for ver, o que ele tem é uma palha, que não é tão pesado assim...”

Aqui é possível identificar alguns conceitos da Psicanálise, anteriormente explicados nesta monografia: ao se colocar no lugar do personagem da fotografia, o espectador criou uma relação de espelhamento; trata-se, portanto, de uma ‘identificação imaginária’ com seu semelhante que acaba por voltar para o próprio sujeito.

Também remete ao “Estádio do Espelho”, uma vez que as obras eram capazes de despertar uma “identidade alienante” no sujeito, conferindo o reconhecimento do eu, não a partir da imagem refletida no espelho, mas na fotografia+pergunta apresentada:



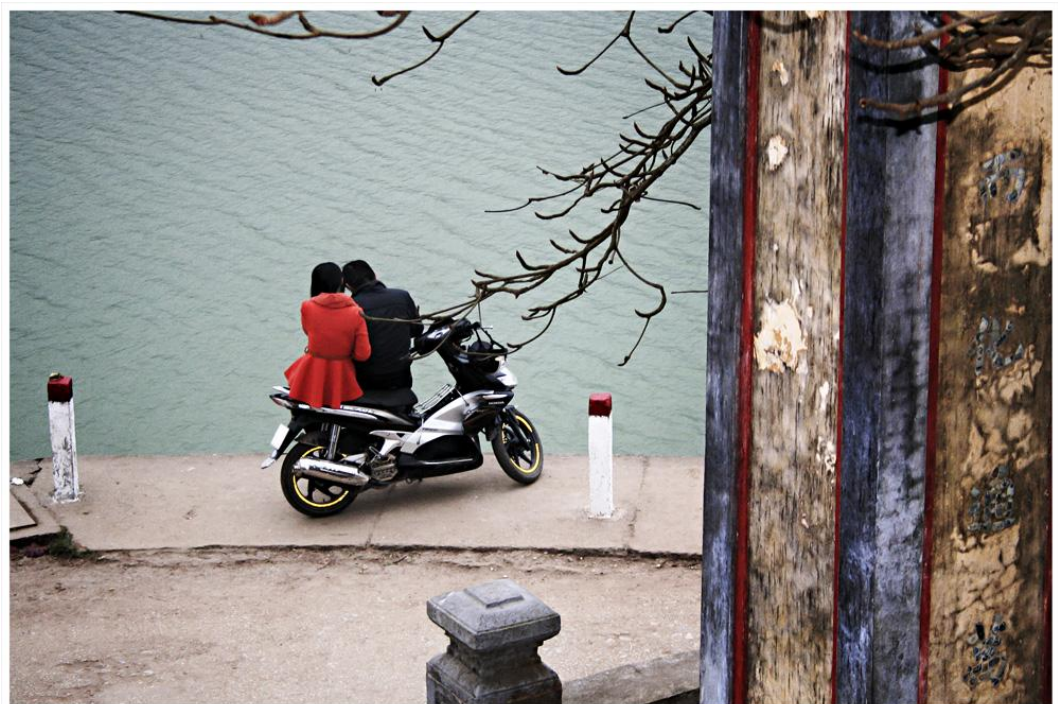
Quantas histórias comemoram as linhas de sua pele?

foto 10 - “Eu acho a frase ‘Quantas linhas comemoram as linhas de sua pele?’ muito marcante. Essa foi a que mais me fez pensar... eu fiquei bem sensibilizada. Esse é um exemplo de que a frase muda a percepção sobre a foto.”

“A mulher é muito enigmática. A gente não sabe exatamente o que ela vivenciou e aí a frase te faz refletir o que que você já vivenciou até hoje e o que vai vivenciar até você chegar aonde ela está (mesma idade). Então, é como se ela estivesse fazendo a pergunta para você.”

Trazendo o exemplo da cor azul¹¹ anteriormente apresentado nas palavras de Santaella sobre a análise da tríade da Semiótica, aplicamos a seguir a Primeiridade, a Secundidade e a Terceiridade, por exemplo: o sentimento que essa espectadora teve ao ver a obra, sensível e puro, seria um ‘primeiro’; ao associar a questão escrita com a fotografia, o aqui com o agora, surge o pensamento, a reflexão, seria um ‘segundo’. A síntese intelectual, a elaboração cognitiva, a identificação da imagem da mulher com a vida atual e futura do próprio indivíduo, seria o ‘terceiro’.

Vejamos outra passagem:



Se está ao meu lado, por que tão longe sinto estar?

¹¹ Pg. 16 desta monografia retoma passagem de Lúcia Santaella: “*Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul, é um segundo. A síntese intelectual, elaboração cognitiva — o azul no céu, ou o azul do céu — é o terceiro.*”

foto 7 - “Meu processo foi lo olhar a foto, tentar entender o que estava acontecendo e depois ler sua frase e tentar conectar e entender se eu tinha a mesma impressão que você teve (...), Depois de ler a sua frase, eu conectei muito mais comigo do que estava acontecendo com o casal da foto.”

Neste caso, podemos identificar e aliar a teoria da Semiótica com a Psicanalítica: se, em uma primeira instância, o espectador buscou identificar as reais intenções do artista (da fotógrafa, neste caso), portanto efetuou uma análise intelectual que estaria inserida no campo da “Terceiridade”; em seguida, o espectador voltou-se para dentro, trazendo para o contexto de sua própria vida e fez uma projeção da imagem que ele tem de si no mundo.

Ainda tratando do âmbito do artista, podemos relembrar a observação levantada no primeiro capítulo¹², na qual há um parágrafo que traz um comentário de Sigmund Freud sobre o objetivo do artista ao desenvolver uma obra:

“O objetivo primário do artista é libertar-se e, através da comunicação de sua obra a outras pessoas que sofram dos mesmos desejos sofreados, oferece-lhes a mesma libertação. Ele representa suas fantasias mais pessoais plenas de desejo como realizadas; mas elas só se tornam obra de arte quando passaram por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação poderosa.”

¹² Pg. 11 desta monografia.

Conclusão

Com base na temática “*Uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica — Exposição “As Perguntas que a Ásia me fez”*”, podemos concluir que as obras de arte apresentadas na mostra foram reflexos de uma ‘pulsão sexual’ que, embora - ou até mesmo pelo fato de ter tido origem no campo da sexualidade -, transformou-se em uma satisfação. Esta, não de cunho sexual (na origem da palavra ‘genitália’), mas metafórica, visto que o processo criativo resultou no desenvolvimento de obras de arte que neste caso, conjuntos de fotografias+perguntas.

A partir do processo de ‘sublimação’ realizado pela artista, foi possível criar obras que, ao serem apresentadas em um espaço e ambientes propícios, permitiram que outras pessoas pudessem interagir com esses “objetos sígnicos” e percorrer tanto a tríade Semiótica da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, quanto os três registros de Lacan.

O resultado, foi uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica, que permitiu aos espectadores não apenas conhecer e compreender questionamentos iniciais levantados na obra da artista, mas ampliá-los com seus próprios anseios e reflexões.

Referências Bibliográficas

- FAGES, J.B. Para compreender a Lacan. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1973.
- FREUD, S. "O interesse da Psicanálise do Ponto de vista da Ciência Estética" *in* Totem e Tabu e outros trabalhos - Volume XIII (1913-1914) - Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. "O Moisés de Michelângelo" *in* Totem e Tabu e outros trabalhos - Volume XIII (1913-1914) - Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
(Tradução de Paulo Dias Corrêa).
- _____. "Sobre o Narcisismo: uma introdução" (1914), *in* Obras Completas Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. "Escritores criativos e devaneios" (1908), *in* Obras Completas, Volume 9. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOSSOY, B. "Realidades e Ficções na Trama Fotográfica". São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LACAN, J. "Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse" *in* Le séminaire. Livre XI. Paris: Éditions do Seuil, 1973. (A tradução do francês para o português é de autoria de Sissi Vigil Castiel em "Sublimação: clínica e metapsicologia", São Paulo: Escuta, 2007).
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. Dicionário de Psicoanálisis. 1a ed. 6a reimp., Buenos Aires: Paidós, 2004. (Trad. Espanhol: Fernando Gimeno Cervantes).
- LEITE DE SOUZA, M. P. "O Registro do Imaginário e o Estádio do Espelho" *in* Alves Ferreira, G., Cesarotto, O. Dellosi, M.E., Hisgail, F., Leite de Souza M.P. Revista de Psicanálise, n. 2. São Paulo: editada pela Clínica Freudiana, 1985.
- LISPECTOR, C. "A Surpresa" (1967) *in* A Descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999
- _____. "Loucura Diferente" (1970) *in* A Descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999
- _____. "Dor de museu" (1968) *in* A Descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999
- _____. "Forma e conteúdo" (1969) *in* A Descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999
- MARTINE, J. "Introdução à Análise da Imagem" (1994) —, Lisboa: Ed. 70, 2007 —
Digitalizado por SOUZA, R.
- ROUDINESCO, E. "Dicionário de psicanálise". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- SANTAELLA, L., & NÖTH, W. (2001). "Imagem: Cognição, semiótica e mídia". (3a_ed.). São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SANTAELLA, M. L. "As três categorias peircianas e os três registros lacanianos" *in* *Psicol. USP*, vol.10, n.2. São Paulo, 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641999000200006>
- _____. "O que é Semiótica". São Paulo: Ed. Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1993.
- _____. "Semiótica Aplicada". São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Apêndice

Abaixo, o painel introdutório da exposição “As Perguntas que a Ásia me fez” e fotografias das obras expostas:

as perguntas que a ásia me fez

“Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.”

Clarice Lispector; “A Surpresa”.

Ao ler a palavra “Ásia” no título desta mostra, talvez você espere ver imagens exóticas de países do Extremo Oriente, com um descritivo de cenas, datas e locais em que as fotos foram tiradas. Mas o que proponho é outro tipo de experiência: uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica.

A Semiótica é a ciência que estuda todo e qualquer signo cultural que se apresenta a nós – seja uma fala, um texto, uma imagem ou mesmo um suspiro – e a Psicanálise interpreta o inconsciente a partir do uso que fazemos da linguagem – por meio de sonhos, sintomas, lapsos, chistes, imagens. A Semiótica Psicanalítica, por sua vez, se propõe a discorrer sobre as consequências psíquicas que os signos culturais têm na vida de um sujeito contemporâneo.

Assim, “As Perguntas que a Ásia me Fez” é um convite para que você, sujeito, ao se deparar com uma determinada fotografia, que vem acompanhada de uma questão subjetiva, possa detectar as mensagens que chegam até você e refletir sobre como elas influenciam sua produção de sentido e contribuem para sua construção de pensamento.

Pare, por alguns instantes, na frente de cada conjunto de foto+pergunta. Que sensação você tem ao ver a imagem? O que lhe vem à mente quando relaciona a pergunta com a foto? Você se questiona sobre a cena em si, ou sobre algo que remete à sua vida? Será que o que vemos não diz muito mais sobre nós mesmos do que sobre o mundo que percebemos?

Deixe-se tocar por essas fotografias que passam à sua frente. Sinta a singularidade de suas emoções. Então, arrisque-se: que perguntas a Ásia lhe faz?

Karen Rozenbaum

Paulista, de 37 anos, Karen buscou sempre identificar múltiplas formas de expressão e as singularidades de cada cultura, o que a levou a especializar-se em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura. A isso, soma estudos de astrologia, cabala e história da arte, assim como os conhecimentos e vivências que absorve em suas viagens e a herança cosmopolita da família. Hoje, atua como consultora de comunicação na área cultural. Esta é sua primeira exposição como organizadora.

Idealização e organização: Karen Rozenbaum

Assessoria cultural: Alex Fisberg, Vinicius Neves Mariano, Profa. Dra. Yara Schreiber Dines

Fotografia e texto: Karen Rozenbaum

Tratamento de imagens: Luis Seraphim

Revisão: Trisco Comunicação

Assessoria de design gráfico: Lyca Sthal

Divulgação: Alex Fisberg

Agradecimentos: Andrea Rozenbaum, Camila Tarifa, Cibele Furuse, Cristiane Furuse, Cristiane Ohassi, Fani Hisgail, Fernanda Timerman, Frank de Oliveira, Heráclio Silva, Idália Noronha, Lúcia Santaella, Luiza Burleigh, Maria Augusta Ramos, Maria Lúcia Ferraz, Michele Cukiert, Nádia Gotlib, Odile Sarue, Oscar Cesarotto, Paula Andreoli, Pedro Roxo, Wagner Kiyantza

Realização:

casa espaço
amarela cultural
arte sociedade meioambiente

Apoio Cultural:

ESP
UC
Centro de
Estudos em
Semiótica e
Psicanálise

pontosolidário
de comunicação

Maria
COZINHA CONTEMPORÂNEA

mobstudio
fotografia
impressão fine art

Percurso expositivo da direita (início no painel introdutório) para a esquerda.

Parede 1:



Parede 2:



Parede 3:



Karen Rozenbaum no espaço expositivo:



Bate-papo com a artista e visitantes:



Professores e alunos do curso de Semiótica Psicanalítica (2011/ 2012) que compareceram à abertura da exposição na noite de 18 de setembro de 2012:



(da direita para a esquerda) Michele Cukiert, Orcar Angel Cesarotto, Karen Rozenbaum, terceira não identificada, João Angelo Fantini, André Linn, Fani Hisgail.



Algumas matérias que saíram na mídia divulgando o propósito da mostra ser uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica:



Home Terra > RG > News > News - **Fotografia Cabeça**

FOTOGRAFIA

Fotografia cabeça

Casa Amarela recebe mostra em São Paulo que explora semiótica psicanalítica

Redação | 21/09/2012 10:51

Tamanho da letra: A+ | A-

Sign Up para ver do que seus amigos gostam.

Compartilhe:

as perguntas que a ásia me fez

MOSTRA DE ENSAIOS FOTOGRÁFICOS
uma experiência Semiótica Psicanalítica

Abertura: 19. Set, 4a feira às 20h
Exposição: 20. Set à 20. Out
2a à 6a, das 10h às 19h
Sábados, das 10 às 18h
Espaço Cultural Casa Amarela
Rua José Maria Lisboa, 838 - Jardins, SP
11 3884 9627 | www.casaamarela.art.br

Realização: Apoio:

Divulgação

Está rolando na Casa Amarela a mostra "As perguntas que a Ásia me fez", passa lá!

Lendo o título da exposição, *As Perguntas que a Ásia Me Fez*, você logo pensa que vai ter um monte de fotografia de cidades do continente, coisas culturais e tudo mais de clichê que possa remontar na terra do sol nascente. Mas, não: a mostra, com organização de Karen Rozenbaum, bota a cabeça para pensar. Levando a semiótica psicanalítica para as imagens, a fotografia aparece como forma de questionamento. *As Perguntas que a Ásia Me Fez* segue até o dia 20 de outubro na Casa Amarela, novo espaço cultural da cidade de São Paulo. Passa lá!

Serviço:

Mostra "As Perguntas que a Ásia me fez"

Abertura: 19. Set

Exposição: 20. Set à 20. Out

2a à 6a, das 10h às 19h

Sábados, das 10h às 18h

Espaço Cultural Casa Amarela

Rua José Maria Lisboa, 838 – Jardins, SP

www.casaamarela.art.br

Telefone: 11 3884 8627

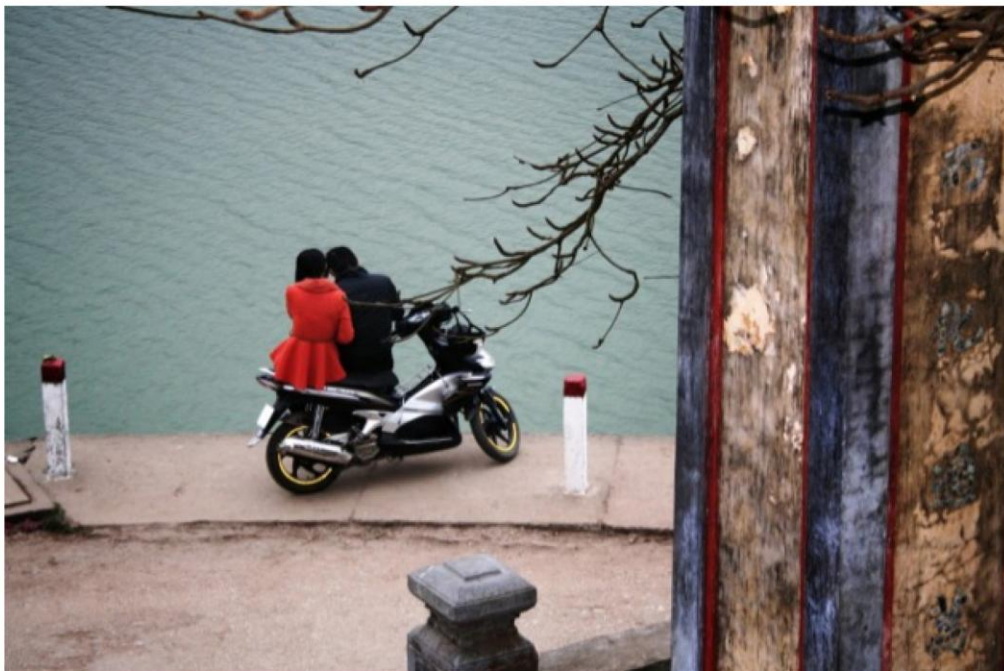
Leia mais sobre: Casa Amarela, Fotografia

INÍCIO / GUIA /

FOTOGRAFIA CABEÇA: MOSTRA EM SÃO PAULO EXPLORA SEMIÓTICA PSICANALÍTICA

IN GUIA / 21 SETEMBRO 2012 / 0 COMMENTS

[Curtir](#) 1 [Tweetar](#) 1 [+1](#) 0 [Share](#) ?



Lendo o título da exposição "**As perguntas que a Ásia me fez**" você logo pensa que vai ter um monte de fotografia de cidades do continente, coisas culturais e tudo mais de clichê que possa remontar na terra do sol nascente. Mas, não: a mostra, com organização de **Karen Rozenbaum**, bota a cabeça para pensar e engane-se – ou pelo menos reaja de forma questionável – ao que seus olhos possam ver.

Levando a *semiótica psicanalítica* para as imagens, diversas fotografias têm como intuito questionar a forma como a gente observa as coisas. "As perguntas que a Ásia me fez" teve abertura no dia 19 de setembro – para convidados – e fica até 20 de outubro na **Casa Amarela**, novo espaço cultural da cidade de São Paulo. Passa lá!



PUBLICIDADE

Anúncios Google

Turbine sua carreira.

Pós-graduação a partir de R\$119/mês Turmas todo mês. Matricule-se já!

escolapaulista.org/pos-grad...

Pós em Gestão de Projetos

Pós-Graduação de Gestão de Projetos com Ênfase em PMI é na Impacta!

Impacta.edu.br/GestaoDePr...

Lei Rouanet

Assessoria para Projetos Culturais na lei Rouanet. Entre em contato

rmkprodutora.com.br

Aprender Bem

Cursos preparatórios TOEFL, TOEIC, FCE, SAT, GMAT

www.aprenderbem.com.br

Teste de Nível de Inglês

Descubra seu Nível de Inglês com o Teste Gratuito da Cultura Inglesa!

www.CulturaInglesaSP.com...

PERFIL DO VISITANTE

Por favor, dedique alguns minutos para responder esta pesquisa, a informação disponibilizada nos será muito útil para conhecer melhor nossos visitantes.

[LINK](#)

NOTÍCIAS POR EMAIL

Espaço cultural Casa Amarela abre temporada de exposições e inaugura "As Perguntas que a Ásia me fez"

Category: [Mostras e Exposições](#) Created on Tuesday, 04 September 2012 06:39

Ao ler Ásia no título da exposição, a expectativa seria ver fotos exóticas da Tailândia, Camboja ou Vietnã. Ainda, por se tratar de fotografias, poderia esperar-se ver legendas com a descrição de cada cena, data e local em que as fotos foram tiradas. A proposta da mostra, porém, é apresentar fotografias com questões subjetivas que estimulem o espectador a ter uma experiência prática de Semiótica Psicanalítica.

"A Semiótica Psicanalítica é uma ciência humana que estuda as consequências psíquicas que os signos culturais — seja uma fotografia, uma pergunta ou mesmo uma fala — podem ter na vida de um sujeito contemporâneo. A ideia desta mostra é que, a partir do contato com fotografias que tem como plano de fundo cenas da Ásia, o espectador possa se perceber e pensar a respeito da forma que ele vê e observa o mundo ao seu redor.", comenta a organizadora da exposição, Karen Rozenbaum, que conclui Especialização na mesma área pela PUCSP.

Segundo Heráclio Silva, diretor do Espaço Cultural Casa Amarela, "Abrir o semestre com exposições de arte com atividades paralelas, visa atrair um público interessado na reflexão e discussão das questões culturais da atualidade. E esta mostra vai justamente de encontro com essa proposta."

"As Perguntas que a Ásia me fez" será inaugurada no dia 19 de setembro com um coquetel na Casa Amarela. Fica aberta ao público até 20 de outubro e conta com o apoio cultural do CESPuc Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise, do MobStudio de fotografia e do Manja Cozinha Contemporânea. A mostra oferecerá ainda duas atividades paralelas aos sábados: um debate com a produtora sob o tema "Que perguntas a Ásia te fez?" e uma palestra sobre Artesanato em comunidades, em parceria com a Associação de comércio justo Ponto Solidário (www.pontosolidario.org.br).

Serviço:

Mostra "As Perguntas que a Ásia me fez"

Abertura: 19.Set

Exposição: 20.Set à 20.Out

2a à 6a, das 10h às 19h

Sábados, das 10h às 18h

Espaço Cultural Casa Amarela
Rua José Maria Lisboa, 838 - Jardins, SP
www.casaamarela.art.br
Mais informações, ligue: 11 3884 8627

Sobre a Casa Amarela:

Um novo espaço na cidade de São Paulo para desenvolvimento de projetos culturais, artísticos e educativos, a Casa Amarela abriga o IAED Instituto de Arte Educação e Desenvolvimento que mantém o Museu Xingu e cerca de 1500 obras de arte do acervo da família Young Silva, das décadas de 60 a 90. Carlos Paez Vilaró, Fernando Odriozola, João Rossi, Mira Schendel e Fernando Coelho são alguns dos artistas. A Casa conta com um espaço expositivo para mostras rotativas e promove uma série de atividades sócio-culturais, como oficinas e palestras. A loja de comércio justo Ponto Solidário e o escritório de Ricardo Young também fazem parte do local.

1

Tweetar

0

+1

0

Like

Acompanhe mais notícias, acessando o site www.asperguntasqueaasiamefez.com:

as perguntas que a ásia me fez

MOSTRA DE ENSAIOS FOTOGRÁFICOS
uma experiência Semiótica Psicanalítica

Home Proposta A Mostra Realização Karen Rozenbaum Galeria **Imprensa** Divulgação Contato

